

## AFORISMOS DO SENHOR MESMER

Ditados na assembleia dos seus discípulos, e nos quais se encontram seus princípios, sua teoria e os meios de magnetizar, ao todo formando um corpo de doutrina desenvolvido em 344 parágrafos, para facilitar a aplicação dos comentários ao magnetismo animal. Obra pública por M. C. de V. [CAULLETDEVEAUMOREL,Louis], médico da Casa do Senhor.

Scilicet ut possem curvo dignoscere rectum, Atque inter silvas A CCI doem i quoerere verum. (Horácio, livro II, epístola 2)

### **Aforismos do senhor Mesmer**

1. Existe um princípio não criado: Deus. Existem na natureza dois princípios criados: a matéria e o movimento.
2. A matéria elementar é aquela que foi empregada pelo Criador para a formação de todos os seres.
3. O movimento opera o desenvolvimento de todas as possibilidades.
4. Não é possível ter uma idéia positiva da matéria elementar: ela está colocada entre o ser simples e o começo do ser composto, ela é como a unidade em relação às quantidades Aritméticas.
5. A impenetrabilidade constitui sua essência. A impenetrabilidade faz com que uma parte não seja a outra.
6. À matéria é indiferente estar em movimento ou em repouso.
7. A matéria em movimento constitui a fluidez. O repouso da matéria faz a solidez.
8. Se duas ou várias partes da matéria estão em repouso, desse estado resulta uma combinação.
9. O estado de combinação é um estado relativo do movimento ou do repouso da matéria.
10. Apenas nestas relações consiste a fonte de todas as variedades possíveis nas formas e nas propriedades.
11. Como a matéria é suscetível a diversas combinações, as idéias que nós temos delas, dos números ou das quantidades aritméticas pode servir para nos fazer sentir a imensidade do desenvolvimento das possibilidades.
12. Considerando as partículas da matéria elementar como unidades, conceber-se-á facilmente que estas unidades podem se associar em duas, em três, em quatro, em cinco etc. e que desta associação resultam somas ou agregados que podem ser continuados ao infinito.
13. Esta maneira de reunir estas unidades, estes agregados, constitui a primeira espécie das combinações possíveis.

14. Considerando em seguida estas primeiras combinações como novas unidades, teremos tantas espécies de unidades quantos números possíveis, e poderemos conceber ainda associações destas unidades entre si.

15. Se essas associações ou agregados são compostos de unidades da mesma espécie, elas constituem um todo de matéria homogênea.

16. Se os agregados forem formados de unidades de diferentes espécies, eles constituem um todo de matéria homogênea.

17. Destas diversas combinações, em que cada uma pode chegar ao infinito, concebe-se a imensidade de todas as combinações possíveis.

18. A matéria propriamente dita não tem, por si mesma, nenhuma propriedade: ela é indiferente a todo tipo de combinações.

19. O conjunto da quantidade da matéria em estado de combinação, considerada como formando um todo, é o que nós chamamos um corpo.

20. Se na combinação das partes constitutivas de um corpo existe uma ordem tal que em consequência dessa ordem resultam novos efeitos, ou novas combinações, elas constituem um todo que chamamos corpo orgânico.

21. Se as partes da matéria estão combinadas numa tal ordem que não resulta nenhum novo efeito desta ordem, resulta um todo que chamamos de corpo inorgânico.

22. O que nós chamamos de corpo inorgânico é uma distinção puramente metafísica porque, se não resultasse absolutamente nenhum efeito de um corpo, ele não existiria.

23. A matéria elementar de todas as partes constitutivas dos corpos é da mesma natureza. Esta identidade encontra-se na última dissolução dos corpos.

24. Se nós consideramos as partes constitutivas dos corpos como existentes uma fora da outra, temos a idéia do lugar.

25. Os lugares são pontos imaginários nos quais se encontra ou pode se encontrar matéria.

26. A quantidade destes pontos imaginários determina a idéia de espaço.

27. Se a matéria muda de lugar, e ocupa sucessivamente diferentes pontos, esta mudança ou este ato da matéria é o que nós chamamos movimento.

28. O movimento transforma a matéria.

29. O primeiro movimento é um efeito imediato da criação, e este movimento dado à matéria é a única causa de todas as diferentes combinações, e de todas as formas que existem.

30. Este movimento primitivo é universalmente e constantemente realizado pelas partes mais delicadas da matéria e nós a chamamos fluido.

31. Em todos os movimentos da matéria fluida, consideramos três coisas: a direção, a celeridade e o tom.
32. O tom é o gênero ou o modo de movimento que possuem as partes envolvidas em estado.
33. Existem apenas duas forças, de direção frontalmente oposta uma à outra. Todas as demais são compostas destas duas: por uma dessas direções as partes se aproximam, e pela outra se afastam. Por uma se opera a combinação; pela outra, a desproporção.
34. A igualdade e as forças nessas duas direções fazem com que as partes não se afastem nem se aproximem. Pelo fato de elas não estarem nem no estado de coesão nem no de dissolução, isto constitui o estado de fluidez perfeita.
35. À medida que as direções se afastam deste estado de igualdade, a fluidez diminui e a solidez aumenta e vice-versa.
36. A combinação ou a coesão primitiva é operada quando as direções dos movimentos das partes encontram-se opostas, ou que sua celeridade, para a mesma direção, é desigual.
37. Uma quantidade de matéria no estado de coesão ou de repouso constitui a solidez ou a massa do corpo.
38. A primeira impulsão do movimento que a matéria tinha reunido num espaço absolutamente pleno era suficiente para lhe dar todas as direções e todas as gradações de celeridade possíveis.
39. A matéria conserva a quantidade de movimento que reuniu no princípio.
40. Os diferentes gêneros de movimento podem ser considerados nos corpos inteiros ou nas partes constitutivas.
41. As partes constitutivas da matéria fluida podem estar combinadas de todas as maneiras possíveis, e receber todos os gêneros de movimento possíveis entre elas.
42. Todas as propriedades, seja dos corpos organizados, seja dos corpos não organizados, dependem da maneira como suas partes estão combinadas, e do movimento de suas partes entre si.
43. Se uma quantidade de fluido é posta em movimento numa mesma direção, a isto se chama corrente.
44. Supondo-se uma corrente que, insinuando-se num corpo, divide-se em uma infinidade de pequenas correntes delgadas, em forma de linhas, estas subdivisões são chamadas de fileiras.
45. Quando a matéria elementar, por direções opostas, ou por celeridades desiguais, põe-se em repouso, e adquire alguma coesão, da maneira como as partículas estiverem combinadas resultam intervalos ou interstícios.

46. Os interstícios das massas ficam permeáveis às correntes ou fileiras da matéria sutil.
47. Todo corpo lançado num fluido obedece a um movimento deste fluido.
48. Segue-se que, se um corpo é lançado numa corrente, ele é envolvido por sua direção, o que não acontece a um corpo que obedece a várias direções confusas. Seja A-C-B.
49. Se A se move para B, e se a causa do movimento é B, acontece o que se chama atração. Se A se move em B e se a causa desse movimento está em C, então isso nada mais será do que um arrebatamento ou o que se pode chamar de atração aparente.
50. A causa da atração aparente e da repulsão está na direção das correntes penetrantes ou que saem.
51. Quando as fileiras das correntes opostas se intercalam uma na outra imediatamente, há atração. Quando elas se afastam em oposição, há repulsão.
52. Admitindo que tudo é pleno, não pode existir uma corrente saindo sem uma corrente entrando, e vice-versa.
53. Existe no universo uma soma determinada, uniforme e constante de movimento, que no começo é impressa à matéria.
54. Essa impressão do movimento se faz então sobre uma massa de fluido, de modo que todas as partes contíguas do fluido receberam as mesmas impressões.
55. Resultam duas direções opostas, e todas as progressões dos outros movimentos compostos. (A) (B)
56. Tudo sendo pleno, se A se dirige a B, é preciso duas coisas: que B seja deslocado por A e que A seja substituído por B.
57. Esta figura explica: 1º todas as gradações e todas as direções do movimento; 2º um movimento de rotação universal e particular; 3º este movimento é propagado apenas a uma certa distância da impressão primitiva; 4º correntes universais e mais ou menos compostas.
58. 5º Mediando estas, correntes a soma do movimento é distribuída e aplicada a todas as partes da matéria.
59. 6º Nas modificações das correntes, existe a fonte de todas as combinações e de todos os movimentos possíveis, desenvolvidos e a desenvolver. Assim, no número infinito das combinações da matéria que o movimento de uma ou de outra espécie havia gerado, aquelas perfeitas - isto é, nas que não havia ponto de contradição de movimento - subsistiram e estão conservadas, aperfeiçoando-se, e são destinadas a formar núcleos para a propagação das espécies. Poder-se-á fazer uma idéia desta operação pelo confronto com as cristalizações.
60. 7º Todos os corpos flutuam numa corrente da matéria sutil.

61. 8° Assim, por direções opostas, e celeridades desiguais, as partículas tocando-se e ficando sem movimento, formaram o primeiro grau de coesão, uma infinidade de moléculas mais grosseiras ficaram juntas e aplicadas às primeiras mais consideráveis, que estavam em repouso, e constituíram uma massa que tornou-se o germe e a origem de todos os grandes corpos.

62. Duas partículas que estão em repouso formam um obstáculo às duas fileiras das correntes que lhes correspondem. Estas duas fileiras não podendo mais passar retas, juntam-se em duas fileiras vizinhas, e aceleram seu movimento, e esta aceleração está em razão de que as passagens ou interstícios estão mais retraídos.

63. À aproximação de um corpo sólido, toda corrente é acelerada, e esta aceleração é devida à compatibilidade ou à solidez da matéria.

64. Ou estas fileiras passando guardam sua primeira direção, e suas partes obedecem a um movimento confuso.

65. Se esta corrente atravessando um corpo é modificada em fileira separada, e se as fibras opostas, partindo de dois corpos, insinuam-se mutuamente nos interstícios uma da outra, sem perturbar seu movimento, resulta a atração aparente ou o fenômeno do Ímã.

66. Se as fileiras, em lugar de se insinuarem, anulam-se, ou se uma predomina sobre a outra, resulta a repulsão.

67. O equilíbrio exige que, quando uma corrente entra num corpo, uma outra saia igualmente. No entanto, o movimento dos raios que saem é mais fraco, porque eles são divergentes e esparsos.

68. A natureza das correntes universais e particulares, estando assim determinada, explica a origem e a marcha dos corpos celestes.

69. 1° A molécula mais grosseira que o acaso formou tornou-se o centro de uma corrente particular.

70. 2° A corrente, à medida que penetrou a matéria flutuante que a estava envolvendo, aumentou esse corpo central, a corrente sendo acelerada, tornando-se mais geral e se apoderando da matéria mais grosseira. Esta ação estendeu-se até a distância em que ela é contrabalançada pela ação semelhante de um outro corpo central.

71. 3° Depois da ação se fazer igualmente da periferia para o centro, os corpos tornam-se necessariamente esferas.

72. 4° A diferença de sua massa dependeu do acaso, da combinação das primeiras moléculas, que lhe deu mais ou menos espessura.

73. 5° A diferença de sua massa corresponde à extensão do espaço que se encontra entre eles.

74. 6° Como toda a matéria recebeu um movimento de rotação, disso resulta em cada corpo central um movimento sobre seu eixo.

75. 7° Como estes corpos são excêntricos relativamente ao turbilhão no qual estão mergulhados, eles se afastam do centro até que o movimento centrífugo seja proporcionado à força da corrente que os leva para o centro.

76. 8° Todos os corpos celestes têm uns para com os outros uma tendência recíproca que está em razão da sua massa e da sua distância. Esta ação se exerce mais diretamente entre os pontos de sua superfície que se relacionam.

77. 9° Estes corpos esféricos girando sobre seus eixos e se opondo reciprocamente uma metade de sua superfície, recebem as impressões mútuas sobre essa metade. Estas impressões mútuas e alternativas constituem o fluxo e o refluxo em cada uma de suas esferas.

78. 10° Estas ações e estas relações recíprocas explicadas constituem a influência entre todos os corpos celestes. Elas são manifestadas nos corpos mais afastados pelos efeitos que produzem uns sobre os outros. Eles perturbam-se nas suas revoluções, diminuindo, retardando ou acelerando o movimento de suas órbitas.

79. 110 Há então uma lei constante na natureza: a de que há uma influência mútua sobre a totalidade desses corpos, conseqüentemente ela se exerce sobre todas as partes constitutivas e sobre suas propriedades.

80. Esta influência recíproca e as relações de todos os corpos coexistentes formam o que se chama magnetismo.

Da coesão

81. A Coesão é o estado da matéria em que suas partículas se encontra juntas, sem movimento local, e não podem se afastar sem um esforço externo.

82. A matéria pode estar reduzida a tal estado pelas direções opostas do movimento, ou pela desigualdade da força nas mesmas direções.

83. Duas partículas que se tocam excluem no ponto de contato a matéria sutil. A separação não pode se fazer sem um esforço contra a matéria sutil que as envolve, e o esforço necessário para operá-la será igual à resistência.

84. A resistência é igual à coluna inteira que corresponde ao ponto de contato.

85. A resistência total é apenas um momento, e esse momento é aquele da separação.

86. A resistência ou a coesão estão portanto na razão combinada dos pontos de contato e da grandeza da coluna do fluido universal na qual o corpo está imerso, e que tem por base os pontos de contato.

87. A coluna da matéria resistente é invariável, e a coesão está na razão direta dos pontos de contato.

88. Sendo a coesão o momento em que a continuidade do fluido é interrompido pelo contato, quando a continuidade é restabelecida, a coesão cessa.

Da elasticidade

89. Um corpo é elástico quando, comprimido, restabelece-se ao seu primeiro estado. 90. A elasticidade nos corpos é a propriedade de se restabelecer no seu antigo estado após ter sido comprimido.

91. Então um corpo é elástico, logo quando as partes que o compõem podem, por sua aparência, ser aproximadas ou afastadas sem estarem deslocadas entre si; quando estas mesmas partículas sofrem um esforço para descontinuar a coesão, sem que o esforço seja suficiente para realizá-la. No primeiro caso, isto é, quando as moléculas se aproximam, as fileiras da corrente ficam retraídas sem estarem descontinuadas, e elas agem como ângulos sobre os pontos laterais das moléculas, com tanto mais força quanto sua aceleração foi aumentada pelo estreitamento dos interstícios. No segundo caso, é feito um esforço para vencer o momento da coesão sendo este esforço bastante sutil até que aquele seja vencido e aniquilado pela causa da coesão.

92. O corpo elástico comprimido sofre, no instante da compressão, a resistência da coesão, sem que ela possa ser vencida inteiramente. É o momento da resistência ao maior esforço da separação iniciada, que não é terminada, que constitui o mais alto grau da elasticidade de um corpo, Neste estado, ele sofre a ação da coluna do fluido, ou seja, o esforço realizado para vencer a coesão é igual à ação da coluna de fluido que faz pressão sobre as partes laterais das moléculas, e que é preciso elevar para vencê-la.

93. Mais um corpo elástico é comprimido, mais a resistência aumenta. A causa da elasticidade sendo em parte aquela da coesão, a resistência está em razão da quantidade de pontos de contato sobre os quais os esforços se fazem, e que se opõem a esses esforços.

94. Os corpos não elásticos são aqueles em que as partes imprimidas podem, por seus aspectos, serem deslocadas e ficarem descontinuadas entre si.

95. Num corpo elástico, as partes não podem se deslocar sem a solução da coesão.

96. As nuances de esforços contra a coesão e as nuances de resistência para a causa da coesão produzem todos os efeitos da elasticidade.

97. Estes esforços dão às partes constitutivas uma outra direção, sem as poder dissolver. Estas partes constitutivas deslocam-se em relação à massa sem se deslocarem entre elas, permanecendo sem deixar o local.

Da gravidade

98. Há uma tendência recíproca entre todos os corpos coexistentes. Esta tendência está na razão das massas e das distâncias.

99. As causas desta tendência são as correntes nas quais os corpos encontram-se mergulhados, e em que a força e a quantidade de movimento está na razão composta da sua massa e grandeza e da sua celeridade.

100. É a esta tendência que se chama de gravidade, em que todos os corpos coexistem gravitando uns em torno dos outros.

101. Uma corrente geral da matéria sutil elementar, dirigida para o centro do nosso globo, leva na sua direção toda a matéria combinada que encontra, e que por sua composição opõe uma resistência a este fluido.

102. No princípio, fez-se para o centro uma precipitação de todas as partículas que se encontravam em toda a extensão da atividade desta corrente, na ordem da sua resistência, de sorte que a matéria, sendo a mais grosseira, oferecia mais resistência, precipitava-se primeiro.

103. Assim são formadas todas as camadas da matéria que compõem os diferentes objetos.

104. A força motriz sendo aplicada a cada uma das partículas da combinação primitiva, a quantidade do efeito da gravidade ou peso está em razão da celeridade da matéria.

105. Como a celeridade das correntes aumenta em se aproximando da terra, a gravidade aumenta na mesma proporção.

106. A terra gravita igualmente em direção a todos os corpos pesados e em direção a todas as partículas constitutivas.

107. Nos pontos em que as correntes se encontram em equilíbrio, a gravidade cessa.

108. A uma certa profundidade da massa da terra, a gravidade cessa.

109. As águas capazes de mudar a compatibilidade da matéria combinada, e aquelas que estão em estado de mudar a intensidade das correntes, podem tanto aumentar como diminuir a gravidade dos corpos - tais são a mudança do movimento de rotação, uma variedade de intensidade na causa do fluxo e do refluxo, ainda comparativamente a calcinação e a vitrificação.

110. As causas da gravidade e de sua modificação são a razão da solidez diferente das partes constitutivas da terra.

111. A solidez ou a compatibilidade da terra aumenta a uma certa profundidade, após a qual ela diminui e provavelmente cessa.

Do fogo

112. Há duas direções do movimento. Segundo uma, as partes da matéria se aproximam; e segundo outra, elas se afastam. Uma é o princípio da combinação e a outro provoca a dissolução.

113. Um movimento da matéria extremamente rápido, oscilatório, que por sua direção é aplicado a um corpo em que a combinação se encontra apenas num certo grau de coesão, produz a dissolução: é o fogo.

114. O fogo, considerado relativamente aos nossos sentidos, produz sobre o fluido universal um movimento oscilatório que, sendo propagado até a retina, dá a idéia da chama ou clarão do fogo, e, sendo refletido por outros corpos, dá a idéia da luz.

115. O mesmo movimento propagado e aplicado às partes destinadas ao tato, diminuindo ou enfraquecendo mais ou menos a coesão, dá a idéia do calor.

116. O estado do fogo é então um estado da matéria oposto àquele da coesão. Por consequência, ele pode diminuir a coesão da matéria aproximando-se mais ou menos.

117. A matéria flogística é aquela que, pela débil combinação, não resiste à ação do movimento oposto.

118. A combustibilidade está em razão da debilidade da matéria. As diferentes nuances deste movimento e de sua aproximação em direção ao estado do fogo produzem os diversos graus do calor e dos seus efeitos.

Do fluxo e do refluxo

119. A causa da gravidade de todos os grandes corpos é também a de todas as propriedades dos corpos organizados e não organizados

120. O movimento de rotação das esferas e suas diferentes distâncias são as causas da influência mútua aplicada sucessivamente e alternativamente às partes destes globos que estão em presença uns dos outros.

121. A superfície do globo está coberta da matéria líquida, a atmosfera e a água, que se conformam exatamente às leis hidrostáticas.

122. A parte que se encontra à vista, tendo perdido sua gravidade, é comprimida e elevada pelas partes laterais, até que ela se encontre em equilíbrio com o restante. A superfície da atmosfera e aquela do mar tornam-se então um esferóide, em que o eixo mais longo está virado para a lua, e a segue no seu curso. O sol concorre com esta operação, embora mais debilmente.

123. A este efeito alternativo dos princípios da gravidade chama-se fluxo e refluxo.

124. Quando diferentes causas concorrem, seja relativamente a diversos astros, seja relativamente à terra na qual essa ação torna-se comum a todas as partes constitutivas, e a todos os seres que os ocupam, há então fluxo e refluxo mais ou menos gerais, mais ou menos compostos?

125. Os efeitos desta ação alternativa e recíproca, que aumenta e diminui as propriedades dos corpos organizados, serão denominados intenção e remissão. Assim, por esta ação serão aumentadas e diminuídas a coesão, a gravidade, a eletricidade, o magnetismo, a irritabilidade.

126. Em relação ao posicionamento respectivo da terra e da lua, esta ação é mais forte nos equinócios.

127. Pelo fato de a tendência centrífuga sob o equador ser mais considerável, a gravidade das águas e da atmosfera é mais débil.

128. Pelo fato de a ação do sol concorrer com a da lua, esta ação é ainda mais forte quando a lua está nas linhas boreais, quando está em oposição ou em conjunção com o sol.

129. Os diversos concursos destas causas modificam diferentemente a intenção do fluxo e refluxo,

130. Como todos os corpos particulares sobre a superfície da terra têm sua influência ou tendência mútua e recíproca, existe ainda uma causa especial do fluxo e refluxo.

131. Independentemente do fluxo e refluxo observado até o presente, existem seculares, anuais, mensais e diários, e diferentes outros irregulares e acidentais.

#### Da eletricidade

132. Se duas massas, carregadas de quantidades desiguais de movimento se encontram, elas se comunicam o excesso para se porem em equilíbrio. A massa menos carregada recebe da outra o que ela tem a mais. Esta carga se faz ou em quantidade considerável de uma vez ou sucessivamente como por fileiras. O primeiro caso se manifesta por uma explosão capaz de produzir o fenômeno do fogo e do som. O segundo caso produz os efeitos de atração e da repulsão aparente; o produto desses efeitos chama-se eletricidade, que se manifesta nas nuvens com calor desigual ou mesmo entre as nuvens e a terra.

133. O excesso de movimento excitado pela fricção de um corpo elástico, e que se acha exposto a um outro, de modo a poder se descarregar, forma a eletricidade artificial.

134. Em toda eletricidade se observam correntes que penetram e que saem.

#### Do homem

135. O homem, em razão de sua conservação, é considerado no estado de sono, em estado de vigília, em estado de saúde, em estado de doença. Do mesmo modo que para toda a natureza, no homem existem dois princípios: a matéria e o movimento.

136. A massa da matéria que o constitui pode ser aumentada ou diminuída.

137. A diminuição deve ser reparada: a matéria perdida é então restaurada da massa geral por meio dos alimentos.

138. A quantidade de movimento é reparada da soma do movimento geral pelo sono.

139. Como o homem faz dois tipos de gastos, tem do mesmo modo duas espécies de refeição: pelos alimentos e pelo sono.

140. No estado do sono, o homem age como máquina em que os princípios do movimento são internos.

141. O estado de sono do homem existe quando o exercício e as funções de uma parte considerável do seu ser estão suspensas por um tempo, durante o qual a quantidade de movimento perdido durante a vigília é reparada pelas propriedades das correntes universais nas quais ele está colocado.

142. Existem dois tipos de correntes universais relativamente ao homem: a gravidade e a corrente magnética de um pólo ao outro.

143. O homem recebe e acumula uma certa quantidade de movimento, como um reservatório. O excesso do movimento ou a plenitude do reservatório determina a vigília.

144. O homem começa sua existência no estado de sono. Neste estado, a porção de movimento que ele recebe, proporcional à sua massa, é empregada para a formação e o desenvolvimento dos rudimentos de seus órgãos.

145. Assim que a formação está terminada, ele se revela, faz esforços sobre sua mãe, tão poderosos para fazê-lo vir à luz.

146. O homem está no estado de saúde quando todas as partes de que é composto têm a faculdade de exercer as funções às quais são destinadas.

147. Se em todas as suas funções reina uma ordem perfeita, a este estado chama-se estado de harmonia.

148. A doença é o estado oposto, ou seja, aquele em que a harmonia está perturbada.

149. Como a harmonia é apenas uma, não há senão uma saúde.

150. A saúde é representada pela linha reta.

151. A doença é a aberração dessa linha. Esta aberração é mais ou menos considerável.

152. O remédio é o meio que faz retomar a ordem ou a harmonia que foi perturbada.

153. O princípio que constitui, restabelece ou mantém a harmonia é o princípio da conservação e o princípio da cura é então necessariamente o mesmo.

154. A porção do movimento universal que o homem recebeu em partilha na sua origem e que, embora modificado na sua mola mestra, tornou-se tônico, determinou a formação e o desenvolvimento das vísceras e de todas as outras partes orgânicas constitutivas.

155. Esta porção do movimento é o princípio da vida.

156. Este movimento origina e retifica as funções de todas as vísceras.

157. As vísceras são as partes constitutivas orgânicas preparam, retificam e assimilam todos os seus humores, determinando o movimento, as secreções e as excreções.

158. Sendo uma parte do movimento universal e obedecendo às leis comuns do fluido universal, o princípio vital está submetido a todas as impressões da influência dos corpos celestes, da terra e dos corpos particulares que o envolvem.

159. Esta faculdade ou propriedade do homem, de ser suscetível de todas estas relações, é que se chama magnetismo.

160. O homem, estando constantemente colocado nas correntes universais e particulares, é por elas penetrado. O movimento do fluido, modificado pelas diferentes organizações, torna-se tônico. Neste estado, ele segue a continuidade do corpo, pelo maior tempo possível, ou seja, para as partes mais eminentes.

161. Destas partes eminentes ou extremidades, esgotam-se e entram correntes quando um corpo capaz de recebê-las ou de cedê-las lhe é oposto. Nestes casos, as correntes estão recolhidas num ponto, sua celeridade está aumentada.

162. Estes pontos de escoamento ou de entrada de correntes tônicas são o que chamamos pólos. Estes pólos são análogos àqueles que se observam no ímã.

163. Existem então correntes que penetram e que saem, pólos que se destroem, que se reforçam como no ímã. Sua comunicação é a mesma. É suficiente determinar um para que o outro, oposto, seja formado ao mesmo tempo.

164. Sobre uma linha imaginária entre os dois pólos, há um centro ou ponto de equilíbrio em que a ação é nula, ou seja, onde nenhuma direção predomina.

165. Estas correntes podem ser propagadas e comunicadas a uma distância considerável, seja por uma continuidade ou encadeamento dos corpos, seja por aquela de um fluido, como o ar e a água.

166. Todos os corpos cujo aspecto é determinado em ponto ou em ângulo servem para receber as correntes, tornando-se condutores.

167. Pode-se considerar os condutores como aberturas de orifícios ou de canais que servem para fazer escoar as correntes.

168. Estas correntes, sempre conservando o caráter tônico que haviam recebido, podem penetrar todos os corpos sólidos e líquidos.

169. Estas correntes podem ser comunicadas e propagadas para todos os meios em que existe continuidade, seja sólido, seja fluido, nos raios da luz, e pela continuidade das oscilações dos sons.

170. Estas correntes podem ser reforçadas.

171. Por todas as causas do movimento comum – tais são todos os movimentos intestinos e locais, os sons, os ruídos, o vento, a fricção elétrica e outra qualquer - e pelos corpos que já são dotados de um movimento, como o ímã ou pelos corpos animados;

172. 2° por sua comunicação aos corpos duros nos quais podem ser concentradas e armazenadas como num reservatório, para serem distribuídas a seguir em diversas direções;

173. 3° pela quantidade dos corpos a que estas correntes são comunicadas. Este princípio não sendo mais uma substância, mas uma modificação, seu efeito aumenta como aquele do fogo à medida que é comunicado.

174. Se a corrente do magnetismo concorre na direção com a corrente geral ou com a corrente magnética do mundo, o efeito geral que resulta é o aumento de intensidade de todas estas correntes.

175. Estas correntes podem ainda ser refletidas nos espelhos, segundo as leis da luz.

#### Das sensações

176. Sentir é a matéria organizada, a faculdade de receber impressões.

177. Assim como o corpo se forma pela continuidade da matéria, a sensação resulta da continuidade das impressões ou afeições de um corpo organizado.

178. Esta continuidade de afeições constitui em conjunto, um todo que pode combinar-se, compor-se, comparar-se, modificar-se, organizar-se. E o resultado disso tudo é um pensamento.

179. Todas as mudanças nas proporções e nas relações das afeições de nosso corpo produzem um pensamento que não havia antes.

180. Este pensamento representa a diferença entre o estado anterior e o estado modificado; a sensação é então a percepção da diferença. A sensação está na razão da diferença.

181. Existem tantas sensações possíveis quanto existem diferenças possíveis entre as proporções.

182. Os instrumentos ou órgãos que servem para perceber as diferenças das afeições são chamados de sentidos. As partes principais constitutivas destes órgãos, sobretudo nos animais, são os nervos que, em maior ou menor quantidade, são expostos a serem afetados pelas diferentes ordens da matéria.

183. Além dos órgãos conhecidos, temos ainda diferentes órgãos próprios para receber a impressão e de cuja existência duvidamos em decorrência do nosso hábito de nos servirmos dos órgãos conhecidos de uma forma grosseira, e porque impressões fortes com as quais estão acostumados não nos permitem nos apercebermos das impressões mais delicadas.

184. É provável, e existem fortes razões a priori, que sejamos dotados de um sentido interno que está em relação com o conjunto de todo o universo. Observações exatas podem nos assegurar. Daí poder-se-á compreender a possibilidade dos pressentimentos.

185. Se é possível ser afetado de maneira a ter a idéia de um ser a uma distância infinita, assim como vemos as estrelas, cuja impressão nos é enviada em linha reta pela sucessão de uma matéria coexistente entre elas e nossos órgãos, por que não seria possível ser afetado por seres cujo movimento sucessivo é propagado até nós por linhas curvas ou oblíquas, numa direção qualquer, por que não poderíamos ser afetados pelo encadeamento dos seres que se sucedem?

186. Uma lei da sensação é que em todas as afeições que estão nos nossos órgãos, torna-se sensível aquela que é a mais forte. A mais forte sensação suprime a mais débil.

187. Nós não sentimos o objeto tal qual ele é, mas apenas a impressão, a natureza e a disposição do órgão que a recebe e as impressões que o precederam.

188. Nossas sensações são portanto o resultado de todos os efeitos que causam os objetos sobre os nossos órgãos.

189. Disso vemos que nossos sentidos não nos apresentam os objetos tais quais são. Pode-se apenas se aproximar mais ou menos do conhecimento da natureza dos objetos por um uso e uma aplicação combinada e refletida de diferentes sentidos, mas jamais se pode conhecer sua verdade.

Do instinto

190. A faculdade de sentir na harmonia universal a relação que os seres e eventos têm com a conservação de cada indivíduo é o que se deve chamar de instinto.

191. Todos os animais são dotados desta faculdade, que está submetida às leis comuns das sensações. Esta sensação é mais forte em razão do maior interesse que os acontecimentos têm sobre nossa conservação.

192. A visão é um exemplo de um sentido pelo qual nós podemos perceber as relações que os seres coexistentes têm entre si, assim como suas relações conosco antes que eles nos toquem diretamente.

193. Esta relação ou diferença de interesse está para o instinto assim como a grandeza e a distância dos objetos estão para a visão.

194. Como este instinto é um efeito da ordem, da harmonia, ele se torna uma regra segura das ações e das sensações; trata-se apenas de cultivar esta sensibilidade diretriz e cuidar dela.

195. Um homem insensível ao instinto é o mesmo que um ângulo em relação aos objetos visíveis.

196. O homem que se serve apenas do que ele chama de razão é como aquele que se serve de uma luneta para ver tudo que deseja olhar: ele está disposto por esse hábito a não ver com seus próprios olhos e a jamais ver os objetos como um outro.

197. O instinto está na natureza, a razão está descontente, cada homem tem sua própria razão. O instinto é um efeito determinado invariável da ordem da natureza em cada indivíduo.

198. A vida do homem é a porção do movimento universal que na sua origem torna-se tônico e aplicado a uma parte da matéria, e foi destinado a formar os órgãos e as vísceras e em seguida a manter e retificar suas funções.

199. A morte é a abolição total do movimento tônico. A vida do homem começa pelo movimento e termina pelo repouso. Do mesmo modo que na natureza toda, o movimento é a fonte das combinações e do repouso, do mesmo modo no homem o princípio da vida torna-se causa da morte.

200. Todo desenvolvimento e formação do corpo orgânico consiste nas relações diversas e sucessivas entre o movimento e o repouso. Sendo sua quantidade determinada, o número das relações possíveis entre um e outro deve ser determinada. A distância entre dois termos ou pontos pode ser considerada como representante da duração da vida.

201. Se um destes termos é o movimento e o outro o repouso, a progressão sucessiva de diversas proporções de um e do outro constitui a marcha e a revolução da vida: passado este ponto, começa-se a morrer.

202. Esta progressão de diversas modificações entre o movimento e o repouso pode ser exatamente proporcionada, ou esta proporção pode estar perturbada.

203. Se o homem percorre esta progressão sem que as proporções sejam perturbadas, ele existe em perfeita saúde e atinge seu último termo sem doença. Se estas proporções forem perturbadas, a doença começa. A doença não é portanto outra coisa que não uma perturbação no progresso do movimento da vida. Esta perturbação pode ser considerada como a existente nos sólidos ou nos fluidos. Existindo nos sólidos, ela desarranja a harmonia das propriedades das partes orgânicas, diminuindo umas e aumentando as outras. Existindo nos fluidos, ela perturba seu movimento local e intestino. A aberração do movimento nos sólidos, alterando suas propriedades, perturba as funções das vísceras, e as diferenças que aí devem se fazer. A aberração do movimento intestino dos humores produz sua degeneração. A aberração do movimento local produz obstrução e febre: obstrução pela diminuição ou abolição do movimento, febre pela aceleração. A perfeição dos sólidos ou das vísceras consiste na harmonia de todas as suas propriedades e nas suas funções. A qualidade dos fluidos, seu movimento intestino e local são o resultado das funções das vísceras.

204. É suficiente, portanto, para estabelecer a harmonia geral do corpo, restabelecer as funções das vísceras, porque suas funções, uma vez restabelecidas, assimilam o que pode ser e afastam tudo o que não pode ser assimilado. Este efeito da natureza sobre as vísceras chama-se crise.

Da doença

205. A doença sendo a aberração da harmonia, esta aberração pode ser mais ou menos considerável, e produzir efeitos mais ou menos sensíveis. Estes efeitos são chamados sintomas sintomáticos.

206. Se estes efeitos são produzidos pela causa da doença, são chamados sintomas. Se, ao contrário, estes efeitos são esforços da natureza contra as causas da doença, e tendem a destruí-la, restabelecendo a harmonia, são chamados sintomas críticos.

207. Na prática, importa bem distingui-los, a fim de prevenir ou barrar uns e favorecer os outros.

208. Todas as causas das doenças desnaturantes ou que desarranjam mais ou menos as proporções entre a matéria e o movimento das vísceras entre os sólidos ou os fluidos produzem, por suas diferentes aplicações, uma remissão ou perturbação mais ou menos marcada nas propriedades da matéria e dos órgãos.

209. Para remediar os efeitos da remissão e da perturbação, e para destruí-los, é preciso então provocar a intenção, isto é, é preciso aumentar a irritabilidade, a elasticidade, a fluidez e o movimento.

210. Um corpo, estando em harmonia, é insensível ao efeito do magnetismo, porque a proporção ou a harmonia estabelecida em nada varia pela aplicação de uma ação uniforme e geral. É o contrário com um corpo em desarmonia, isto é, num estado no qual as proporções estão perturbadas: neste estado, embora por hábito não seja mais sensível, ele se o torna pela aplicação do magnetismo, e isto porque a proporção ou a dissonância são aumentadas por essa aplicação.

211. Disso se depreende ainda que, a doença estando curada, ele se torna insensível ao magnetismo, e este é o criterium da cura.

212. Compreende-se ainda que a aplicação do magnetismo aumenta muitas vezes as dores.

213. A ação do magnetismo interrompe a aberração do estado da harmonia.

214. Segue-se dessa ação que os sintomas cessam pela aplicação do magnetismo.

215. Disso segue-se ainda que, pelo magnetismo, os esforços da natureza contra as causas das doenças são aumentados e, por conseqüência, os sintomas críticos são aumentados.

216. É por esses efeitos diversos que é possível distinguir estes diferentes sintomas.

217. O desenvolvimento dos sintomas se faz na ordem inversa daquela em que a doença se estabelece.

218. É preciso representar a doença como um novelo que se divide exatamente como ele começa e cresce.

219. Nenhuma doença se cura sem uma crise.

220. Numa crise, devem ser observadas três épocas principais: a perturbação, a cocção e a evacuação.

Da educação

221. O homem pode ser considerado como existindo individualmente, ou como constituindo uma parte da sociedade. Sob estes dois pontos de vista, ele busca a harmonia universal.

222. O homem é entre os animais uma espécie destinada pela natureza a viver em sociedade.

223. O desenvolvimento de suas faculdades, a formação de seus hábitos, sob estes dois aspectos, é o que se chama de educação.

224. A regra da educação é, portanto, primeiro, a perfeição das primeiras faculdades e, segundo, a harmonia dos seus hábitos com a harmonia universal.

225. A educação do homem começa com sua existência. Desde este momento, a criança começa, primeiro, a expor os órgãos de seus sentidos às impressões dos objetos externos e, segundo, a desdobrar e exercer os movimentos dos seus membros.

226. A perfeição dos órgãos dos sentidos consiste, primeiro, na irritabilidade e, segundo, em todas as combinações possíveis de seus usos.

227. A perfeição do movimento dos seus membros consiste, primeiro, na facilidade; segundo, na justeza das direções; terceiro, na força; e, quarto, no equilíbrio.

228. Sendo esse desenvolvimento um progresso da vegetação, a regra desse desenvolvimento deve ser oriunda da organização de cada indivíduo, que se submete à ação do movimento universal, e da influência geral e particular.

229. 1ª A primeira regra é então a de afastar todos os obstáculos que poderiam perturbar e impedir este desenvolvimento.

230. 2ª De colocar sucessivamente a criança na possibilidade ou inteira liberdade de fazer todos os movimentos e todos os ensaios possíveis.

231. A criança, obedecendo unicamente ao princípio da natureza que formou seus órgãos, encontrará por si apenas as ordens nas quais convém instruir-se, desenvolver-se e formar-se.

232. O homem considerado em sociedade tem duas maneiras de ser em relação aos seus semelhantes: por suas idéias e por suas ações.

233. Para comunicar suas idéias aos outros homens, existem dois meios, a língua e a escrita natural ou de convenção.

234. A língua natural é a fisionomia, a voz e os gestos; a escrita natural é a faculdade de definir tudo o que pode falar aos olhos.

235. A língua de convenção consiste nas palavras; a escrita de convenção, nas letras.

## Teoria dos procedimentos

236. Foi exposto, na teoria do sistema geral, que as correntes universais são a causa da existência dos corpos, que tudo que é capaz de acelerar essas correntes produz a intenção ou o aumento das propriedades desses corpos. Segundo este princípio, é fácil conceber que, se está em nosso poder acelerar estas correntes, nós podemos, aumentando a energia da natureza, à nossa vontade estender a todos os corpos suas propriedades, e mesmo restabelecer aquelas que um acidente teria afetado, mas, do mesmo modo que as águas de um rio não podem retomar para sua fonte para aumentar a rapidez da corrente, as partes constituintes da terra, submetidas às leis das correntes universais, não podem agir sobre a fonte primitiva de sua existência. Se não podemos agir imediatamente sobre as correntes universais, não existe para todos os corpos em geral meios particulares de agir uns sobre os outros, acelerando reciprocamente entre si as fileiras das correntes que atravessam seus interstícios.

237. Como existe uma gravitação geral e recíproca de todos os corpos celestes uns para os outros, do mesmo modo existe uma gravitação particular e recíproca das partes constitutivas da terra para tudo e desse todo para cada uma das partes, e enfim de todas essas partes umas para as outras. Esta ação recíproca de todos os corpos se exerce pelas correntes que penetram e pelas que saem, de uma maneira mais ou menos direta, segundo a analogia dos corpos. Assim, de todos os corpos, aquele que pode agir com mais eficácia sobre o homem é seu semelhante. É suficiente que um homem esteja ao lado de um outro homem para agir sobre ele, provocando a intenção de suas propriedades.

238. A posição respectiva dos dois seres que agem um sobre o outro não é indiferente. Para julgar qual deve ser esta posição, é preciso considerar cada ser como um todo composto de diversas partes, possuindo cada um uma forma ou um movimento tônico particular. Concebe-se, por esse meio, que dois seres têm um sobre o outro a maior influência possível quando estão colocados de maneira que suas partes análogas ajam umas sobre as outras na oposição mais exata. Para que dois homens ajam o mais fortemente possível um sobre o outro, é preciso então que estejam colocados face a face. Nesta posição, eles provocam a intenção de suas propriedades de uma maneira harmônica e podem ser considerados como formando um todo. Num homem isolado, quando uma parte sofre, toda a ação da vida se dirige para ela para destruir a causa do sofrimento. Do mesmo modo, quando dois homens agem um sobre o outro, a ação inteira dessa reunião age sobre a parte doente com uma força proporcional ao aumento da massa. Pode-se então dizer em geral que a ação do magnetismo cresce em razão das massas. É possível dirigir a ação do magnetismo mais particularmente sobre tal ou qual parte, sendo suficiente para isso estabelecer uma continuidade mais exata entre as partes que se deve tocar, e o indivíduo que toca. Nossos braços podem ser considerados como condutores próprios a estabelecer uma continuidade. É suficiente portanto, do que acabamos de dizer sobre a posição mais vantajosa de dois seres agindo um sobre o outro que, para conseguir a harmonia do todo, deve-se tocar a parte direita com o braço esquerdo, e reciprocamente. Desta necessidade resulta a oposição dos pólos no corpo

humano. Estes pólos, como se verifica no ímã, são oposição um em relação ao outro: eles podem ser mudados, comunicados, destruídos, reforçados.

239. Para conceber a oposição dos pólos, é preciso considerar o homem como dividido em dois por uma linha traçada de alto a baixo. Todos os pontos da parte esquerda podem ser considerados como os pólos opostos àqueles pontos correspondentes da parte direita. Mas, a emissão das correntes se fazendo de uma maneira mais sensível pelas extremidades, nós não consideramos verdadeiramente como pólos senão as extremidades. A mão esquerda será o pólo oposto da mão direita, e assim por diante. Considerando em seguida estas mesmas extremidades como um todo, ou considerando ainda em cada uma delas pólos opostos, na mão o dedo mínimo será o pólo oposto do polegar, o segundo dedo participará da virtude do polegar, e o quarto daquela do dedo mínimo, e aquele do meio semelhante ao centro ou equador do ímã estará desprovido de uma propriedade especial. Os pólos do corpo humano podem ser comunicados aos corpos animados e inanimados: uns e outros são mais sensíveis em razão da sua mais ou menor analogia com o homem, e da tenuidade de suas partes. É suficiente determinar um pólo num corpo qualquer para que o pólo oposto se estabeleça imediatamente. Destrói-se essa determinação tocando o mesmo corpo em sentido inverso daquele que antes foi empregado, e se reforça o pólo já estabelecido tocando o pólo oposto com a outra mão.

240. A ação do magnetismo animal pode ser reforçada e propagada para os corpos animados e inanimados. Como esta ação aumenta em razão das massas, mais se juntarão corpos magnéticos uns às extremidades dos outros de modo que os pólos não sejam contrários, isto é, quando eles se tocam pelos pólos opostos mais se reforça a ação do magnetismo. Os corpos mais apropriados para propagar e reforçar o magnetismo animal são os corpos animados, os vegetais vêm em seguida, e nos corpos privados de vida, o ferro e o vidro são aqueles que agem com maior intensidade.

Observações sobre as doenças nervosas e sobre a extensão dos sentidos e das propriedades do corpo humano

241. A irritabilidade exagerada dos nervos produzida pela aberração da harmonia no corpo humano é o que se chama mais particularmente doenças nervosas.

242. Existem tantas variedades destas doenças quantas as combinações que se podem supor entre todos os números possíveis.

243. 1° A irritabilidade geral pode ser aumentada ou diminuída por nuances infinitas.

244. 2° Diferentes órgãos podem estar particularmente afetados, antes de outros.

245. 3° Pode-se conceber uma infinidade de relações resultantes de diversos graus em que cada um destes órgãos pode estar afetado particularmente.

246. Um observador cuidadoso e atento encontrará nesses fenômenos um sem-número que produz as doenças nervosas, uma fonte de instruções; é nestas doenças que se pode facilmente estudar as propriedades e as faculdades do corpo humano.

247. É ainda nestas doenças que podemos persuadir, pelos fatos, de o quanto somos dependentes da ação de todos os seres que nos cercam e de como alguma mudança nestes seres ou nas suas relações entre eles nunca nos será indiferente.

248. A extensão das propriedades e das faculdades de nossos órgãos, estando consideravelmente aumentadas nestes tipos de doença, deve mesmo recuar o termo de nossos conhecimentos, dando-nos a conhecer uma multidão de impressões das quais não tínhamos nenhuma idéia.

249. Para bem conceber tudo que se vai dizer e poder apreciar, é preciso recorrer ao mecanismo das sensações segundo meus princípios.

250. A faculdade de sentir com impressão é, no homem, o resultado de duas condições principais, uma externa e outra interna. A primeira é o grau de intensidade com a qual um objeto exterior age sobre nossos órgãos e a segunda é o grau de suscetibilidade com a qual o órgão recebe a ação de um objeto exterior.

251. Se a ação de um objeto exterior sobre um de nossos órgãos for como dois, e que este órgão seja suscetível de transmitir a idéia de uma ação apenas como três, então é claro que eu não devia ter nenhum conhecimento dos objetos cuja ação é como dois. Mas se por um meio qualquer eu chegasse a tornar meu órgão suscetível de apreciar as ações como dois, ou bem que eu fizesse com que os objetos agissem naturalmente como três, é claro que, nesses dois casos, a ação destes objetos me tornaria igualmente sensível do desconhecido que ela era.

252. Até o presente a inteligência humana ainda não foi capaz de levar mais longe o exterior de nossos sentidos senão aumentando a condição das sensações, isto é, aumentando a interioridade da ação que estes objetos exercem sobre nós. É o que se fez para a visão com a invenção de lunetas, microscópios e telescópios. Por este meio, nós temos penetrado a noite que nos ocultava um universo inteiro dos infinitamente pequenos e dos infinitamente grandes.

253. Quanto a filosofia ganhou com essa engenhosa descoberta? Quantos absurdos ela demonstrou nos antigos sistemas sobre a natureza dos corpos? E que novas verdades fez ela perceber ao olho atento de um observador!

254. O que produziram gênios como Descartes, Galileu, Newton, Kepler e Buffon sem a extensão do órgão da visão? Pode ser que grandes coisas, mas a astronomia e a história natural estariam ainda no ponto onde eles as encontraram.

255. Se a extensão de um sentido pôde produzir uma revolução considerável nos conhecimentos, que campo mais vasto ainda vai se abrir à nossa observação se, como penso, a extensão das faculdades de cada sentido, de cada órgão pode ser levada tão longe e mesmo mais do que as lunetas levaram a extensão da visão, se esta extensão pode nos colocar em condições de apreciar uma multidão de impressões que permanecem desconhecidas, de comparar estas impressões, de combiná-las, e daí chegar a um conhecimento íntimo e particular dos objetos que os produzem, da forma

destes objetos, de suas propriedades, de suas relações entre si, e das partículas mesmo que os constituem.

256. No uso comum nós julgamos pelo concurso das impressões combinadas de todos os nossos sentidos. Poder-se-ia dizer que nós estamos em relação aos objetos pela extensão de um sentido que nos faz percebê-los como um indivíduo privado de todos os sentidos exceto o da visão estaria em contato com tudo aquilo que nos cerca. Certamente se um ser sutil assim desprovido pudesse existir a esfera de seus conhecimentos seria muito restrita, e podemos pensar que ele não teria a mesma idéia que nos acerca dos objetos sensíveis.

257. Suponhamos que se dê sucessivamente a este ser imbecil cada um dos sentidos que ele não possui, que multidão de descobertas que ele faria no mesmo instante. Cada impressão que um mesmo objeto lhe produziria num outro órgão lhe forneceria uma nova idéia desse objeto. Seria bem difícil fazê-lo compreender que estas idéias diversas partiam do mesmo objeto. Seria necessário antes que ele os combinasse, que ele verificasse os resultados por numerosas experiências. Na infância de suas faculdades, este homem levaria talvez mais de um mês antes de poder apreciar o que é uma garrafa, um candelabro etc. para ter a mesma idéia que nós.

258. Todas as impressões leves que produzem sobre nós a ação dos corpos que nos cercam são, em relação ao nosso estado habitual, muito menos conhecidas de nós como não seria a garrafa para o homem de que acabamos de falar. As propriedades de nossos órgãos na harmonia necessária para constituir o homem têm para cada um deles um certo grau de extensão além do qual nós não sabemos apreciar.

259. Mas, quando por uma perda das faculdades em quaisquer partes as propriedades de um outro órgão se encontram levadas a um certo ponto de extensão, tornamo-nos então suscetíveis de apreciar e de conhecer impressões que nos eram absolutamente desconhecidas. É o que se nota a todo o momento ao observar os indivíduos atacados por doenças nervosas.

260. Quantidade de impressões das quais eles têm então a consciência são absolutamente novas para eles. Em primeiro lugar, são surpreendentes, aterrorizantes, mas em seguida, pelo hábito, familiarizam-se com elas, e passam algumas vezes a delas se servir pela sua utilidade de momento, como nós nos servimos dos conhecimentos que a experiência nos dá no estado de saúde. Assim é que erradamente se taxa de fantasia qualquer a singularidade que se nota no modo de ser desses indivíduos: o que os move, o que os determina é uma causa tão real quanto as causas que determinam a ação do homem mais razoável. Só existe diferença na mobilidade destes seres, o que os torna sensíveis a uma multidão de impressões que nos são desconhecidas.

261. O que há de inoportuno para a comodidade de nossa instrução é que essas pessoas sujeitas às crises perdem quase sempre a memória de suas impressões quando voltam ao estado comum. Sem isso, se elas conservassem a idéia perfeita, todas elas nos proporcionariam todas as observações que lhes proponho com mais facilidade do que eu. Mas isto que estas pessoas não podem nos relatar no estado comum não podemos

nos informar delas próprias quando estão em estado de crise. Se forem verdadeiras sensações que as determinam, devem, quando estiverem no estado de as apreciar, e de raciocinar, fazer um relato tão exato quanto aquele que poderíamos nós mesmos fazer de todos os objetos que nos afetam atualmente.

262. Sei que o que estou adiantando deve parecer exagerado, impossível mesmo, às pessoas que as circunstâncias não puderam pôr a ponto de fazer estas observações, mas eu lhes rogo suspender ainda seu julgamento. Não é sobre um único fato que apoio minha opinião. A singularidade destes fatos levou-me a juntar prova sobre prova para me assegurar da sua realidade.

263. Penso então que é possível, estudando as pessoas nervosas, sujeitas às crises, torná-las por si mesmas cômicas das sensações que elas provam. Digo mais: que é com cuidado e com constância que se pode, exercendo nelas esta faculdade de explicarem o que sentem, aperfeiçoar sua maneira de apreciar estas novas sensações e, por assim dizer, proporcionar sua educação por esse fato. É com pessoas assim treinadas que é satisfatório trabalhar para se instruir de todos os fenômenos que resultam da irritabilidade exagerada de nossos sentidos. Ao fim de certo tempo, chega por outro lado que o observador atento torna-se suscetível de apreciar algumas das sensações que estes indivíduos experimentam pela comparação muitas vezes repetidas de suas próprias impressões com aquelas de sua pessoa em crise. O uso dessa propriedade, que está em nós, pode ser considerada como uma arte verdadeiramente difícil, mas que é entretanto possível de se adquirir, como as outras, pelo estudo e a aplicação.

264. Falarei com mais detalhe num outro tempo. Falemos dos diversos fenômenos que constatei nas pessoas em crise. Outro poderá verificá-las quando se encontrar em circunstâncias semelhantes àquelas em que me encontrava então.

265. Nas doenças nervosas, quando num estado de crise, a irritabilidade aparece em maior quantidade sobre a retina. O olho torna-se suscetível de aperceber-se de objetos microscópicos. Tudo que a arte do óptico pôde imaginar não pode se aproximar do grau desta percepção. As trevas mais escuras conservam ainda muita luz para que ele possa, recebendo uma quantidade suficiente de raios, distinguir as formas dos diferentes corpos, e determinar suas relações. Podem mesmo distinguir objetos através dos corpos que nos parecem opacos, o que prova que a opacidade nos corpos não é uma qualidade particular, mas uma circunstância relativa ao grau de irritabilidade de nossos órgãos.

266. Uma doente do qual tratei e vários outros que observei cuidadosamente forneceram-me numerosas experiências neste assunto.

267. Uma delas percebia os poros da pele com uma grandeza considerável: ela explicava a estrutura de acordo com aquela que o microscópio nos fez conhecer. Mas ela ia mais longe. Esta pele parecia-lhe uma peneira: ela distinguia através dela a textura dos músculos sobre as dobras carnosas e a junção do osso nas dobras desprovidas de carne. Ela explicava tudo isso de uma maneira muito engenhosa, e algumas vezes se impacientava com a esterilidade e a insuficiência de nossas expressões para dar suas

idéias. Um corpo opaco muito delgado não a impedia de distinguir os objetos: fazia apenas diminuir sensivelmente a impressão que ela recebia, como um vidro faz para nós.

268. Melhor do que eu ela via, mesmo tendo as pálpebras baixadas e mantidas assim neste estado. Para verificar a realidade daquilo que ela me dizia, eu a fiz levar a mão sobre tal ou qual objeto, sem que ela jamais se enganasse.

269. É essa mesma pessoa que na obscuridade percebia todos os pelos do corpo humano, aclarados por um vapor luminosos. Isto não era fogo, mas a impressão que isso dava a esses órgãos dava uma idéia aproximada, que podia ser expressa pela palavra luz.

270. Eu observava simplesmente que não é preciso considerar tudo que ela dizia das variedades que observava, mas sim como a impressão particular que estes pólos faziam sobre o órgão da visão e não como a idéia finita que se deve considerar.

271. É neste estado que é infinitamente curioso verificar todos os princípios que dei na minha teoria dos pólos do corpo.

272. Se nada eu tivesse visto, e se o acaso me tivesse feito tentar esta experiência, esta senhora me a teria ensinado.

273. De minha cabeça, ela percebia os olhos e o nariz. Os raios luminosos que partem dos olhos vão reunir-se ordinariamente àqueles do nariz para reforçá-las, e de lá tudo se dirige para a ponta mais próxima que se lhe opõe. Entretanto, se eu quiser considerar meus objetos de lado, sem voltar à cabeça, então os dois raios dos olhos deixam o bordo de meu nariz para lançar-se na direção que eu comandar.

274. Cada ponto dos cílios, dos supercílios e dos cabelos dão uma débil luz, o pescoço parece um pouco luminoso, o peito um pouco aclarado. Se eu lhe apresento minhas mãos, o polegar aparece rapidamente marcado por uma luz viva; o dedo mínimo, com uma metade menos; o segundo e o quarto aparecem aclarados por uma luz artificial, o dedo médio é obscuro, a palma da mão é também luminosa.

Passemos a outras observações.

275. Se a irritabilidade exagerada se leva a outros órgãos, eles tornam-se como a visão, suscetíveis de apreciar as impressões mais leves, análogas à sua constituição, as quais lhe eram totalmente desconhecidas antes.

276. Eis o vasto campo de observações que nos é aberto, mas muito difícil de ser explicado. Aqui a arte nos abandona, ela não nos fornece nenhum meio de verificar pela comparação o que nos ensinam as pessoas em crise.

277. Temos apenas maus instrumentos para ampliar a audição; não temos nenhuma espécie para o olfato nem para o tato e ainda mais, não temos nenhum hábito para apreciar os resultados provenientes da comparação de todos estes sentidos aperfeiçoados, resultados que devem ser variáveis ao infinito.

278. Mas se a arte nos abandona, resta-nos a natureza: ela nos é suficiente. A criança que vem ao mundo com todos os seus órgãos ignora os recursos. Desenvolvendo

sucessivamente as faculdades, a natureza lhe mostra o uso. Esta educação se faz sem sistema: ela está submetida às circunstâncias. A instrução que eu proponho deve ser feita do mesmo modo: renunciando a toda espécie de rotina, é preciso se abandonar à observação simples que as circunstâncias fornecem. Em primeiro lugar, perceberão apenas um imenso charco, não distinguirão nada, mas pouco a pouco a luz se fará, e a esfera dos seus conhecimentos aumentará simultaneamente à percepção dos objetos.

279. Muitas vezes as pessoas em crise são atormentadas por um ruído que as atordoa, que elas caracterizam tal qual é realmente. Sem se aproximar muito mais do que elas das causas que produzem tal ruído, você poderia ter a consciência.

280. Tenho observado muito uma pessoa afetada por doenças nervosas que não podia ouvir o som de uma trombeta sem cair em crises muito fortes. Muitas vezes eu a vi queixar-se de que ela a sentia e cair em convulsões sérias, dizendo que ela se aproximava, e não era senão ao termo de um quarto de hora que eu podia distingui-lo.

281. Observar-se-á os mesmos fenômenos para o paladar. Em 20 iguarias que se fará com uma insipidez extrema, uma pessoa em crise, cuja irritabilidade estará consideravelmente aumentada na língua e no palato, perceberá uma variedade de sabores.

282. Conheço uma pessoa vivaz cujos nervos são muito irritáveis e que, tendo unicamente na língua esta irritação e conservando sua lucidez, disse-me várias vezes: "Comendo esta pequena crosta de pão, do tamanho da cabeça de um alfinete, parece-me que tenho um grande e saboroso pedaço. Mas, o que há de bem singular, não somente sinto o sabor de um bom pedaço de pão, como sinto separadamente o gosto de todas as partículas que o compõem - a água, a farinha, tudo enfim me produz uma multidão de sensações que não posso expressar e que me dão idéias que se sucedem com rapidez extrema, mas que não são exprimíveis por palavras."

283. O olfato pode ser ainda mais suscetível que o paladar a uma grande extensão de faculdade. Eu vi sentir odores os mais leves a distâncias muito grandes e mesmo através de portas de tabiques. Por outro lado, pessoas cujo odor é sensível distinguem todos os diversos odores primários que o perfumista empregou para compor um perfume.

284. Mas, de todos os sentidos, o que nos apresenta mais fenômenos para observar é aquele que mostra até o presente menos conhecimentos: o tato.

#### Procedimentos do magnetismo animal

285. Foi visto pela doutrina que tudo se toca no universo, por meio de um fluido no qual todos os corpos estão mergulhados.

286. Faz-se uma circulação continua que estabelece a necessidade das correntes que penetram e que saem.

287. Para estabelecê-las e as fortificar no homem, existem vários meios. O mais seguro é o de se colocar em oposição à pessoa que se vai tocar, isto é, face a face, de maneira que se lhe apresenta o lado direito ao lado esquerdo do doente. Para se pôr em harmonia

com ele, é preciso primeiramente colocar as mãos sobre as espáduas, seguir todo o comprimento do braço até a extremidade dos dedos, prendendo o polegar do doente por um momento. Recomeçar por duas ou três vezes, após o que você estabilizará as correntes desde a cabeça até os pés. Você deve procurar ainda a causa e o local da doença e da dor. O doente lhe indicará o da dor e muitas vezes a causa, mas mais comumente é pelo toque e o arrazoado que você se assegurará da sede e da causa da doença e da dor-> que, na maior parte das doenças, reside no lado oposto ao da dor, sobretudo nas paralisias, reumatismos e outras dessa espécie.

288. Estando bem seguro dessa preliminar, você tocará constantemente a causa da doença e constatará as dores sintomáticas, até aquelas que você julgar críticas. Para tanto, você secundará o esforço da natureza contra a causa da doença, e levará a uma crise salutar, único meio de curar radicalmente. Você acalmou as dores que se chamam sintomas sintomáticos e que cedem ao toque sem que isso agisse sobre a causa da doença, o que distingue este tipo de dor daquelas que nós chamamos simplesmente de sintomáticas e que se irritam em primeiro lugar pelo toque para terminarem numa crise, após a qual o doente se encontra aliviado e a causa da doença, diminuída.

289. A sede de quase todas as doenças está comumente nas vísceras do baixo ventre; o estômago, o baço, o fígado, o epiplon, o mesentério, os rins etc. Nas mulheres, na matriz e suas dependências.

A causa de todas estas doenças ou aberrações é um entupimento, uma obstrução, incômodo ou supressão da circulação numa parte: comprimindo os vasos sanguíneos ou linfáticos, e sobretudo os ramos de nervos mais ou menos consideráveis, eles ocasionam um espasmo ou uma tensão nas partes que atingem, sobretudo naquelas em que as fibras têm menos elasticidade natural, como no cérebro, pulmão etc. ou naquelas por onde circula um fluido com lentidão, como a sinóvia, destinada a facilitar o movimento das articulações. Se os ingurgitamentos comprimem um tronco de nervos ou um ramo considerável, o movimento e a sensibilidade das partes às quais ele corresponde são inteiramente suprimidos, como na apoplexia, na paralisia etc.

290. Além dessa razão para tocar as vísceras, para descobrir a causa de uma doença, há ainda uma outra ainda mais determinante: os nervos são os melhores condutores do magnetismo que existem no corpo. Eles têm em si grande número nas suas partes, que vários físicos aí colocaram a sede das sensações da alma. Os mais abundantes e os mais sensíveis são o centro nervoso do diafragma, os plexos estomacal, umbilical etc. Este feixe de uma infinidade de nervos se corresponde com todas as partes do corpo.

291. Toca-se, na posição já indicada, com o polegar e o indicador ou com a palma da mão, ou com um dedo apenas reforçado por outro, descrevendo uma linha sobre a parte que se visa tocar, e em seguida, o quanto possível, a direção dos nervos, ou enfim com os cinco dedos abertos e recurvados. O toque a uma pequena distância da parte é mais forte, porque existe uma corrente entre a mão ou o condutor e o doente.

292. Toca-se diretamente com vantagem, servindo-se de um condutor estranho. Serve-se mais comumente de uma pequena vara, com comprimento de 10 a 15 polegadas, de

forma cônica e terminada por uma ponte truncada. A base é de três, cinco ou seis linhas, e a ponta, de uma a duas. Depois do vidro, que é o melhor condutor, emprega-se o ferro, o aço, o ouro, a prata, etc., dando preferência aos corpos mais densos, porque as fileiras estão mais estreitadas e mais multiplicadas, dando uma ação proporcionada à menor largura dos interstícios. Se a vareta for imantada, ela tem mais ação, mas é preciso observar que existem circunstâncias, como na inflamação dos olhos, o maior eretismo até em que ela pode prejudicar. É então prudente dispor de duas. Uma magnética com um bastão ou outro condutor, atento que este seja como um corpo estranho, o pólo é mudado, e que é preciso tocar diferentemente, isto é, da direita à direita e da esquerda à esquerda.

293. É bom também opor um pólo ao outro, ou seja, que se toque a cabeça, o peito, o ventre, etc., com a mão direita, é preciso opor a esquerda na parte posterior, sobretudo na linha que divide o corpo em duas partes, ou seja, desde o meio da fronte até o púbis, porque o corpo representa um ímã: se você estabelecer o norte à direita, a esquerda torna-se o sul - e o meio, o equador, que é sem ação predominante. Você aí estabelecerá os pólos, opondo uma mão à outra.

294. Reforça-se a ação do magnetismo multiplicando as correntes sobre o doente. Existem várias vantagens em tocar face a face do que de toda outra maneira, porque as correntes emanadas de suas vísceras e de toda a extensão do corpo estabelecem uma circulação com o doente. A mesma razão prova a utilidade das árvores, das cordas, dos ferros e das cadeias etc.

295. Uma bacia de magnetita do mesmo modo que um banho, mergulhando o bastão ou outro condutor na água, para aí estabelecer uma corrente, agitando em linha reta, a pessoa que será mergulhada sentirá o efeito. Se a bacia for grande, serão estabelecidos quatro pontos, que serão os quatro pontos cardeais, será traçada uma linha na água, seguindo a borda da bacia do leste ao norte, e do oeste ao mesmo ponto. Será feita a mesma coisa para o sul. Várias pessoas poderão ser colocadas em torno dessa bacia e tirar proveito dos efeitos magnéticos. Se são em grande número, serão traçados vários raios atingindo a cada uma delas, após haver agitado a massa de água tanto quanto possível.

296. Uma tina é uma espécie de cuba redonda, quadrada ou oval, com um diâmetro proporcional ao número de doentes que vão se tratar. Aduelas espessas, reunidas, pintadas e unidas de modo a conter água, profundas em torno de um pé, a parte superior mais larga do que o fundo, de uma a duas polegadas, recobertas com uma tampa em duas peças, cujo conjunto é encaixado na cuba, e o bordo apoiado imediatamente sobre aquele da cuba à qual é sujeitado por grandes pregos. No interior, são arranjas garrafas em raios convergentes da circunferência ao centro, são colocadas outras camadas em toda a volta, o fundo apoiado contra a cuba, uma só de altura, deixando entre elas o espaço necessário para receber o gargalo de uma outra. Feita esta primeira disposição, colocar no meio do vaso uma garrafa reta ou deitada, donde partem todos os raios que serão formados primeiramente com as meia garrafas, depois com as grandes, quando a divergência permitir. O fundo da primeira está ao centro, seu pescoço entre o fundo da

seguinte, de modo que o gargalo da última termina na circunferência. Estas garrafas devem ser cheias de água, tampadas e magnetizadas do mesmo modo. É de se desejar que isto seja pela mesma pessoa. Para dar mais atividade à tina, colocar uma segunda e urna terceira camada de garrafas sobre a primeira, mas comumente se faz uma segunda que, partindo do centro, recobre o terço, a metade ou os três quartos do primeiro. Em seguida, abastece-se a cuba com água a uma certa altura, mas sempre o necessário para cobrir todas as garrafas. Pode-se juntar limalha de ferro, vidro pilado e outros corpos semelhantes, sobre os quais tenho diferentes conceitos.

297. Também são usadas tinas sem água, preenchendo o intervalo das garrafas com vidro, limalha, areia. Antes de colocar a água ou os outros corpos, imprime-se sobre a tampa as marcas onde devem ser feitos os orifícios destinados a receber os ferros que devem ficar entre o fundo das primeiras garrafas, a quatro ou cinco polegadas da parede da tina. Os ferros são espécies de triângulos, feitos com ferro amaciado, que entram em linha reta quase até o fundo da tina e são dobrados à sua saída, de modo que possam terminar numa ponta obtusa na parte que lhes vai tocar, como a frente, a orelha, o olho, o estômago etc.

298. Do interior ou do exterior da cuba sai, ligada a um ferro, uma corda muito ampla, que os doentes aplicam sobre a parte que eles sofrem. Eles formam cadeias pegando esta corda, e apoiam o polegar esquerdo sobre o direito, ou o direito sobre o esquerdo do seu vizinho, de maneira que o interior de um polegar toca o outro. Aproximam-se o mais que podem para se tocar pelas coxas, os joelhos, os pés, e formam, por assim dizer, um corpo contíguo, no qual o fluido magnético circula continuamente, é reforçado por todos os diferentes pontos de contato, aos quais se junta ainda a posição dos doentes, que estão face a face, uns diante dos outros. Tem-se também os ferros bastante longos para abranger aqueles da segunda fila pelo intervalo daqueles da primeira.

299. Foram feitas pequenas tinas particulares, chamadas caixinhas mágicas ou magnéticas, para uso dos doentes que não podem dirigir-se ao tratamento, ou porque, pela natureza de suas doenças, necessitam de um tratamento contínuo. Tais tinas são mais ou menos compostas. As mais simples contêm apenas uma garrafa tampada e cheia de água ou de vidro pilado, colocada numa caixinha da qual parte uma vara ou uma corda. Uma simples garrafa isolada, e que se aplica sobre a parte, vai ainda melhor. Podem ser colocadas várias sobre um leito, retas, contendo ferro e vedadas no gargalo, que produzem um efeito muito sensível. As caixinhas mais comuns são cofrinhos com forma cubóide, com altura e comprimento em proporção ao que devem conter. A altura não deve exceder ordinariamente aquela das caixinhas, que é de dez a doze polegadas.

Coloca-se quatro ou um número maior de garrafas à vontade, preparadas e arranjadas como aquelas da tina. Se a caixinha é destinada a ser colocada sobre um leito, tomam-se meias garrafas, cheias, metade delas com água e a outra, com vidro. As cheias de água são tampadas, aquelas com vidro são armadas com um pequeno condutor de ferro partindo da garrafa, no pescoço da qual ele é selado e excede um pouco abertura da caixa que ele atravessa. O intervalo entre garrafas é preenchido com vidro pilado ou seco ou úmido. Uma corda enrolada em torno do gargalo de cada garrafa as faz comunicarem-se

em conjunto e sai da caixa por um buraco feito na sua parede. A tampa é colocada e fixada por um parafuso. Esta caixa é colocada sobre o leito, e as cordas que saem da direita e da esquerda são arrumadas sobre o leito ou entre os lençóis ou sobre as cobertas, ao lado do doente.

300. As caixas que devem servir durante o dia com as garrafas cheias com água ou vidro, são preparadas e dispostas como nas grandes tinas: aí se pode colocar uma corda e ferros e fazer uma tina para a família.

301. Quanto mais densa for a matéria que preenche essas garrafas, mais ela é ativa. Se fosse possível enchê-las com mercúrio, elas teriam muito mais ação.

302. Existem vários meios de aumentar o número e a atividade das correntes. Se você deseja tocar um doente com força, reúna no seu apartamento o maior número de pessoas possível. Estabeleça uma cadeia que parte do doente e atinge o magnetizador, uma pessoa encostada a ele ou com a mão sobre sua espádua aumenta sua ação. Existe uma infinidade de outros meios impossíveis de serem detalhados, como a música, a visão, os vidros etc.

303. A corrente magnética conserva seu efeito ainda algum tempo após ter saído do corpo, aproximadamente como o som de uma flauta que diminui com o afastamento. O magnetismo a uma certa distância produz mais efeito do que quando está aplicado imediatamente.

304. Após o homem e os animais, os vegetais e sobretudo as árvores são os mais suscetíveis ao magnetismo animal. Para magnetizar uma árvore sob a qual você deseja estabelecer um tratamento, escolha uma jovem, vigorosa, ramada, sem nós tanto quanto possível e com fibras retas. Embora toda espécie de arbusto possa servir, os mais densos como o carvalho, o olmo e a carpa são preferíveis. Feita sua escolha, postando-se a uma certa distância no lado sul, estabelecer-se-ão um lado direito e um esquerdo, que formam os dois pólos, e a linha de demarcação do meio, o equador. Com o dedo, o ferro ou o bastão, siga então as folhas, as ramificações e os ramos. Após ter determinado várias destas linhas num ramo principal, conduza as correntes ao ramo principal, conduza as correntes do tronco até as raízes. Recomece até que esteja magnetizado todo um lado. Em seguida, magnetize o outro da mesma maneira e com a mesma mão, porque os raios saem do condutor em divergência, convergindo-se a uma certa distância, não sendo sujeitos a repulsão. O norte se magnetiza pelos mesmos procedimentos. Esta operação feita, aproxime-se da árvore e após ter magnetizado as raízes, se as há visíveis, abrace-a e apresente-lhe todos os pólos sucessivamente. A árvore possuirá então todas as virtudes do magnetismo. As pessoas sadias, ficando algum tempo ao seu lado ou a tocando, poderão sentir o efeito, e os doentes, sobretudo os já magnetizados, sentirão violentamente e sofrerão crises. Para estabelecer um tratamento, amarre cordas a uma certa altura, ao tronco e aos principais ramos, mais ou menos numerosas e mais ou menos longas em proporção às pessoas que devem se beneficiar e que, com a face voltada para a árvore e colocados circularmente, seja sobre cadeiras, seja sobre a palha, irão colocá-las em volta das partes sofredoras como na tina, e farão cadeias o mais

frequentemente possível, e aí terão as crises como na tina, mas bem mais suaves. O efeito curativo é bem mais rápido e mais ativo em proporção ao número dos doentes que aumentam a energia, multiplicando as correntes, as forças e os contatos. O vento, agitando os ramos da árvore, junta sua ação. É o mesmo que um riacho ou uma cascata se tiver a felicidade de encontrá-los no local que se terá escolhido. Se várias árvores se avizinham, elas serão magnetizadas e se as fará comunicar por cordas que irão de uma a outra. Os doentes sentem nas árvores um odor que não podem definir, e que lhes é muito desagradável, e que conservam por algum tempo após terem se retirado, e que voltam a sentir em aí voltando. Não se pode assegurar por quanto tempo uma árvore conserva o magnetismo. Acredita-se que pode chegar até vários meses. O mais seguro é renovar de tempo em tempo.

305. Para magnetizar uma garrafa, pegue-a pelas duas extremidades, friccione-as com os dedos, levando o movimento ao bordo. Afaste a mão sucessivamente destas duas extremidades, por assim dizer comprimindo o fluido: tome de um copo ou de um vaso qualquer do mesmo modo, assim e magnetizará o fluido que ele contém, cuidando de o apresentar àquele que o deve beber. Segurando-o entre o polegar e o dedo mínimo, e fazendo o doente beber nessa direção, ele experimentará um gosto que não existiria se bebesse no sentido oposto.

306. Uma flor, um corpo qualquer, é magnetizado pelo toque, feito com princípios e intenção.

307. Esfregando as duas extremidades de uma banheira com os dedos, a vareta ou o tubo, descendo-os até a água na qual se descreve uma linha, na mesma direção e repetindo várias vezes, magnetiza-se um banho. Pode-se ainda agitar a água em diferentes sentidos, insistindo sempre sobre a linha descrita, em que a grande corrente reúne as pequenas que se avizinham e é reforçada. Se o doente, estando no banho, sente a água muito fria, mergulha-se uma haste, dirige-se uma corrente pela agitação. Esta adição faz com que o doente experimente uma sensação de calor que ele atribui àquele da água. Nos lugares onde existe uma tina ou árvores, coloca-se uma corda que supre a todas as outras preparações. Se não se pode magnetizar por si mesmo, penso que várias garrafas cheias de água magnética, e colocadas no banho seguindo a direção do corpo, poderão produzir o mesmo efeito. Um pouco de sal marinho juntado ao banho aumenta a tonicidade.

308. No centro da tina, poder-se-á colocar um vaso de vidro cilíndrico, ou com outra formal que possuirá uma abertura embaixo | próprio a receber um condutor que virá ou de fora do apartamento ou do seu interior. Um triângulo de ferro, comprido proporcionalmente, da altura do soalho, cuja extremidade inferior terminaria em forma de funil ou com a extremidade arredondada, sairia por um buraco feito na abertura da tina, onde seria selado àquele do vaso de vidro, cujo contorno seria provido de vários buracos laterais que se comunicariam com os raios das garrafas. O condutor poderia ser de vidro.

Noções gerais sobre o tratamento magnético

309. Existe apenas uma doença e um só remédio. A perfeita harmonia de todos nossos órgãos e de suas funções constitui a saúde. A doença nada mais é do que a aberração dessa harmonia. A cura consiste, portanto, em restabelecer a harmonia perturbada. O remédio geral é a aplicação do magnetismo pelos meios designados. O movimento é aumentado ou diminuído no corpo: é então necessário temperá-la ou exercitá-lo. É nos sólidos que se faz o efeito do magnetismo. A ação das vísceras sendo o meio de que se serve a natureza para preparar, triturar, assimilar os humores, são as funções destes órgãos que é preciso retificar. Sem proscrever inteiramente os remédios, seja internos, seja externos, é preciso empregá-los com muito cuidado, porque eles são contrários ou inúteis. Contrários no sentido de que a maior parte tem muita acidez, e eles aumentam a irritação, o espasmo e outros efeitos contrários à harmonia que é preciso restabelecer e manter, tais quais os purgativos violentos, os diuréticos quentes, os aperitivos, os vesicatórios e todos os epistáticos. Inúteis porque os remédios recebidos pelo estômago e as primeiras vias sofrem a mesma elaboração que os alimentos, cujas partes análogas aos nossos humores são assimilados pela quilificação, e os heterógenos são expulsos pelas excreções.

310. O fluido magnético não age sobre os corpos estranhos nem sobre aqueles que estão fora do sistema vascular. Quando o estômago contém saburra, podridão, superabundância ou está viciado, recorre-se ao emético ou aos purgativos.

311. Se o ácido domina, dá-se os absorventes, tais como o magnésio. (1) Se é o álcali, prefere-se os ácidos, como o creme de tártaro. (2) Se os deseja administrar como purgativos, é necessário dá-las na dosagem de uma ou duas onças. Numa dose menor, nada mais fazem do que alterar, e são próprios para neutralizar os ácidos ou os álcalis, e para se procurar a evacuação por uma via qualquer. Como o álcali domina na maioria das vezes em relação ao ácido, prefere-se ordinariamente o regime ácido. A salada, a groselha, a cereja, a limonada, os xaropes ácidos, o oxicato leve etc. (1) - É essencial que ele seja calcinado para obter os efeitos que se deseja, sabendo que o ar que ele contém, quando não se teve a precaução de assim prepará-lo, ocasiona repleção do estômago, que provém do ar que se desprende, pela combinação que sofre no estômago com os líquidos ácidos que encontram. (2) - Esta substância age infinitamente melhor, de modo que me propus a usá-la quando ela é preparada para ser tomada em dissolução, na dose de uma onça em quatro onças de água. Obtém-se então uma limonada "tartarada", cujo gosto é agradável, e que não repugna tanto quando é em pó, e que faz com que seja necessário mastigá-la, sobretudo quando se deseja tomar uma dose mais forte para ser purgada. 312. A diminuição do movimento e das forças sendo a causa da maior parte das doenças, não somente não se ordena o emprego de dieta, mas se faz com que os doentes atenham-se à alimentação. Após o regime de que se virá a falar? alimentos que os doentes desejam são aqueles permitidos. E raro que a natureza os perturbe.

313. O vinho forte, os licores, o café, os alimentos muito quentes por si mesmos ou por seus ingredientes são proibidos, assim como o tabaco cuja impressão irritante é propagada para a membrana pituitária na garganta, peito, cabeça, e ocasiona crepitações contrárias à harmonia. A bebida comum será o bom vinho diluído em muita água, água

pura ou acidulada. As lavagens e os banhos são muitas vezes úteis se são usados copiosamente na inflamação ou disposição inflamatória ou na pletora verdadeira ou falsa.

314. Não é o caso de se dar uma história geral das doenças e de seus tratamentos: citar-se-á somente aquelas que se apresentam mais comumente para serem tratadas pelo magnetismo, e o modo de aplicá-lo, após observações feitas, sobretudo o tratamento do senhor marquês de Tiffard, em Beaubourg.

315. Na epilepsia, toca-se a cabeça, seja na parte mais alta, seja sobre a raiz do nariz com uma mão, e a nuca com a outra. Procura-se nas vísceras a causa primeira, onde se encontra ordinariamente. Pelo toque duplo, reduz-se as obstruções nestas vísceras e o entupimento que se encontra no cérebro dos epiléticos, do qual se faz a abertura, e se põe em ação quase todo o sistema nervoso. A catalepsia é tratada do mesmado.

316. Na apoplexia, a pessoa que toca age sobre os principais órgãos, como o tórax, o estômago, sobretudo o local que se chama escavado, abaixo da cartilagem xifóide, local onde se encontra o centro nervoso do diafragma, que reúne uma infinidade de nervos. Toca-se também por oposição a espinha dorsal seguindo o grande intercostal situado a uma polegada ou duas da espinha, depois o colo, até abaixo do tronco. É preciso insistir até que se obtenha uma crise, e reunir todos os meios para aumentar a intensidade do magnetismo, seja pelo ferro, seja pela cadeia que você forma com a maior quantidade de pessoas que pode reunir. O doente submetido às impressões ordinárias, e obtida a crise, o estado das primeiras vias e a causa da doença, ser-lhe-á indicado o que convirá fazer, e se os laxantes deverão ser empregados.

317. Nas doenças dos ouvidos, o doente coloca a corda em torno da cabeça, um ferro da tina na orelha, com o bastão na boca, para a surdez como para os paralíticos em que a palavra é impedida e para os mudos, e o contato se faz colocando a extremidade dos polegares na orelha, afastando os demais dedos, e os apresentando à corrente do fluido magnético, ou juntando a uma certa distância as correntes, e as restabelecendo com a palma da mão contra a cabeça, na qual se deixa a mão aplicada durante algum tempo.

318. As doenças dos olhos se tratam também com o ferro ou a ponta dos dedos, que se apresenta sobre a parte, e que se passa sobre o globo e as pálpebras, e o bastão, sobretudo na catarata. É preciso tocar muito levemente nos casos de inflamação.

319. Toca-se diretamente a tina, borrifando noite e dia com água magnética, a corda à cabeça.

320. Os tumores de toda espécie, os ingurgitamentos linfáticos e sangüíneos, as chagas, mesmo as úlceras provam excelentes efeitos. As loções com água magnética, os banhos locais com água fria ou tépida, o tratamento ordinário, têm um efeito surpreendente. Os doentes que sofrem dores vivas nas partes ulceradas ou feridas as veem acalmadas subitamente quando se as envolve com a corda.

321. Por estes pequenos detalhes, fica evidente que o magnetismo é útil nas doenças cutâneas e internas.

322. As dores de cabeça se tocam sobre a fronte, o cimo da cabeça, os parietais, os seios frontais, e os supercílios, sobre o estômago e as outras vísceras que podem ocultar a causa.

323. As dores de dentes, sobre as articulações, dos maxilares e os buracos mentonianos.

324. A lepra se trata como a tina, pondo a corda nos locais afetados.

325. Na dificuldade de falar, ou a negação total ocasionada sobretudo pela paralisia, magnetiza-se a boca com o ferro e o exterior dos motores deste órgão pelo toque.

326. Emprega-se o mesmo nos males da garganta, principalmente nos linfáticos. Magnetiza-se também a membrana pituitária, do mesmo modo que para o entupimento do nariz, e as afecções das partes que se estendem para o tórax.

327. Na enxaqueca, toca-se o estômago e o temporal, onde se faz sentir a dor.

328. A asma, a opressão e as outras afecções do peito se tocam sobre a própria parte, passando lentamente uma mão na parte anterior do tórax, e a outra ao longo da espinha, deixando-as um certo tempo sobre a parte superior, e descendo com lentidão até o estômago, onde é preciso insistir também, sobretudo na asma úmida.

329. A incubo se trata da mesma maneira, recomendando não dormir sobre o dorso até a cura.

330. As dores, os ingurgitamentos, as obstruções do estômago, do fígado, do baço e de outras vísceras se tocam localmente, exigindo mais ou menos constância e tempo à proporção do volume, da Antiguidade e da duração dos tumores.

331. Nas cólicas, no vômito, na irritação e nas dores intestinais e de todas as partes do baixo ventre toca-se o mal com muita delicadeza se existe inflamação, ou disposição inflamatória, circunstâncias nas quais é necessário evitar as fricções e o toque em todos os sentidos.

332. Nas doenças da matriz, toca-se não somente a víscera, mas também suas dependências, os ovários e ligamentos largos que estão situados na parte lateral e posterior, e os redondos na virilha. Após observações, a palma da mão aplicada na vulva adianta o fluxo menstrual e remedeia as perdas. Isso deve ser também útil no relaxamento e nas quedas da matriz e da vagina.

Das crises

333. Uma doença não pode ser curada sem crise: a crise é um esforço da natureza contra a doença, tendendo - por um aumento do movimento, do tom e da intenção, da ação do fluido magnético - a dissipar os obstáculos que se encontram na circulação para dissolver e evacuar as moléculas que os formam e a restabelecer a harmonia e o equilíbrio em todas as partes do corpo.

334. As crises são mais ou menos evidentes, mais ou menos salutares, naturais ou ocasionadas.

335. As crises 'naturais devem ser imputadas apenas à natureza, que age eficazmente sobre a causa da doença e dela se desembaraça por diferentes excreções, como nas febres, ou a natureza triunfa apenas sobre aquilo que lhe era nocivo, e expulsa pelo vômito espontâneo, os suores, as urinas, o fluxo hemorroidal etc.

336. Os meios evidentes são aqueles pelos quais a natureza age surdamente, sem violência, superando lentamente os obstáculos que perturbam a circulação e os expulsa transpiração insensível.

337. Quando a natureza é insuficiente para o estabelecimento das crises, se a ajuda pelo magnetismo, que, sendo posto em ação pelos meios indicados, opera conjuntamente com ela a revolução desejada. Ela é salutar quando, após a ter experimentado, o doente percebe um bem e um alívio sensíveis, e principalmente quando é seguida de evacuações avantajadas.

338. A tina, o ferro, a corda e a cadeia dão crises. Se elas forem julgadas muito fracas para agirem vitoriosamente sobre a doença, aumentaste-as tocando a sede da dor e da causa. Quando se a julga ter atingido seu estado, o que é anunciado pela calma, deixar-se-á terminar por si ou, quando se a crê suficiente, retira-se o doente do estado de sono e do estupor no qual está lançado.

339. É raro que uma crise natural não seja salutar.

340. Tanto umas como as outras lançam muitas vezes o doente num estado de catalepsia que não deve atemorizar e que termina com a crise.

341. Num estado de eretismo, de irritabilidade e de muito grande suscetibilidade, é perigoso provocar e manter crises muito fortes, porque se aumenta a dificuldade que estas disposições anunciam na economia animal, dado a intenção onde é preciso chegar da remissão, cresce a tendência à inflamação, suspende, suprime as evacuações que devem operar a cura, e se opõe diametralmente às intenções e aos esforços da natureza.

342. Quando se excitam crises violentas num indivíduo que é disposto, aparece nos órgãos um estado de elasticidade força da que diminui na fibra a faculdade de reagir sobre si mesma, sobre os humores que ela contém, donde se segue uma forte inércia que mantém um estado contra a natureza que o ocasiona. Este estado habitual se opõe a todos os esforços da natureza contra a causa da doença, aumenta a aberração e forma nos órgãos a prega, comparada tão engenhosamente à de um tecido, que se desfaz tão dificilmente.

343. Vê-se de um lado a vantagem e a necessidade das crises e, de outro, o abuso que delas se pode fazer.

344. Um médico conhecedor da doutrina do magnetismo animal, e fiel observador dos efeitos das crises, tirará tudo de bom que elas apresentam e se garantirá do mal do seu abuso.

Aprovação

Li por ordem do mosenhor guarda dos selos um manuscrito tendo por título Aforismos do senhor Mesmer. Eu o creio interessante para ser impresso nas circunstâncias presentes. Em Paris, a 10 de dezembro de 1784, de Machy.

#### NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

A presente tradução foi feita a partir da edição original francesa: [CAULLETT DE VEAUMOREL(Louis)]. Aphorismes de M. Mesmer, dictés à l'assemblée de ses élèves, & dans lesquels on trouue ses principes, sa théorie & les moyens de magnétiser; le tout [ormant un corps de Doctrine développê en 344 paragraphes, pour faciliter l'application des Commentaires au Magnétisme animal. Ouvrage mis au jour par M.C. de V. Paris, Quinquet, 1785. 1n-16. f. blanc, xxiv, 172 p., (1) f. édition originale. É importante destacar que Mesmer rejeitou a publicação destas notas de aula. Todavia, seu discípulo Caullet de Veamorei as editou e publicou, mesmo sem autorização do mestre. A apresentação das teorias do magnetismo animal foi feita por Franz Anton Mesmer em sua Memória de 1799. (BARRUCAND, 1967, p. 261. GRABTREE,1993. p. 129. DORBON,1975. p. 651) PAULOHENRIQUE DE FIGUÉIREDO